

QUANDO A PAUTA É CIÊNCIA: A PERCEPÇÃO DE JORNALISTAS BRASILEIROS SOBRE C&T

Jhonatas Henrique Simião¹

Simone Pallone de Figueiredo²

Resumo

Os desafios para a cobertura de qualidade de Ciência e Tecnologia (C&T) pela imprensa brasileira são inúmeros e passam por fatores diversos. No entanto, pouco foi explorado academicamente acerca da percepção e da visão de C&T desses profissionais, tidos como formadores de opinião na sociedade, objetivo proposto neste artigo. A pesquisa do tipo *survey* foi utilizada como suporte metodológico no trabalho, com as finalidades de descrição e exploração, através de questionário online autoaplicado com 26 perguntas, estimuladas e espontâneas, a uma amostra de 61 jornalistas, que representa 0,43% do universo de 14.017 profissionais estudados, ou seja, não se tem uma amostra representativa do grupo. Entretanto, os resultados da análise têm potencial de fornecer indicadores que auxiliem as redações jornalísticas no país e comunidade científica.

Palavras-chave: *Percepção pública de C&T; Jornalismo científico; Imprensa; Comunicação; Sociedade.*

INTRODUÇÃO

Pesquisas de percepção pública revelaram, ao longo dos últimos anos, que o interesse do brasileiro por Ciência e Tecnologia (C&T) é alto, inclusive, com

¹ Jornalista formado pela PUC-Campinas e pós-graduando na especialização em Jornalismo Científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: j209711@dac.unicamp.br.

² Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Jornalista formada pela PUC-Campinas, com especialização em Jornalismo Científico pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre e doutora em Política Científica e Tecnológica pelo Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp. Pesquisadora e professora do Labjor. E-mail: spallone@unicamp.br.

posicionamentos bastante positivos em relação às áreas. Porém, por outro lado, esses levantamentos também reiteraram a grande desinformação acerca dos temas e o desinteresse por eventos científico-culturais (CGEE, 2015a). Esses mesmos estudos, no entanto, pouco buscaram saber as visões, as percepções e os valores atribuídos à C&T e às áreas correlacionadas por parte dos jornalistas, relevantes agentes na comunicação pública da ciência ante a idoneidade profissional e credibilidade (VOGT; POLINO, 2003).

As pesquisas de percepção pública de C&T ao redor do mundo têm uma relação íntima com as políticas científicas (VOGT; MORALES, 2016). Elas auxiliam o governo a aprimorar os investimentos no setor e a comunidade a desenvolver melhores e mais eficazes estratégias de popularização da ciência, contribuindo, assim, para o aprimoramento da cultura científica na população. Ciência e Tecnologia estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da vida humana, mas suas relações com a sociedade ganharam relevância apenas no Pós-Guerra, com os movimentos civis atentos às possíveis implicações de pesquisas científicas socialmente (MORALES et al, 2012).

No Brasil, os primeiros trabalhos de compreensão pública da C&T foram inspirados em enquetes internacionais que datam do final dos anos 1970. Segundo Polino (2015, p. 20), indicadores desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa tornaram-se referências mundiais nessa linha de estudo. Desde 1972, nos Estados Unidos, indicadores de compreensão e atitudes em relação a temas científicos passaram a ser compilados pela Fundação Nacional da Ciência (NSF). Sete anos depois, o país norte-americano realizou uma pesquisa nacional, seguido pela Comissão Europeia, com o Eurobarômetro (1992). Alguns países da América Latina também realizaram seus próprios levantamentos no decorrer da década de 1990, inclusive, com trabalhos em parceria com os Ibero-Americanos. Essas ações possibilitaram importantes comparativos para aplicação nesse campo de estudo.

A primeira pesquisa brasileira de percepção sobre Ciência e Tecnologia ocorreu em 1987, em meio à realização da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), com o título de “A imagem da ciência e da tecnologia junto à população urbana brasileira”, feita por iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), unidades do antigo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), atual Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) (CGEE, 2015a). A enquete, no entanto, teve apenas 25 perguntas em amostra de 2.892 pessoas.

Quase 20 anos depois, também por iniciativa de instituições vinculadas ao antigo MCT, em conjunto com entidades parceiras, em 2006, foi realizada uma nova pesquisa. Em 2010, o intento da pesquisa era dar continuidade à anterior e propiciar comparações (CGEE, 2015a). A última pesquisa de percepção pública da Ciência e Tecnologia no Brasil foi efetuada em 2015 pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), encomendada pelo MCTIC, com o título “A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros - Percepção pública da C&T no Brasil” e entrevistou 1.962 pessoas. O objetivo principal também era atualizar os dados anteriores e fazer comparativos (CGEE, 2015a).

Os resultados desse último levantamento apontaram alto interesse dos brasileiros por C&T, inclusive em índice comparável às médias de outras nações que empreenderam estudo semelhante. O tema chega a ter maior atenção da população do que assuntos ligados à arte, à cultura, aos esportes, à moda e à política, por exemplo. No entanto, também foi verificado que os brasileiros se envolvem e se informam muito pouco acerca de questões relativas à ciência. Somada a isso, relaciona-se a baixa taxa de visitação aos espaços científico-culturais e a limitada participação em atividades públicas de popularização, embora o índice tenha aumentado significativamente nos últimos anos.

Conforme Morales et al. (2012, p. 8), os questionários *survey* são um dos principais instrumentos de captação de valores e de interesses em pesquisas. Babbie (2005, p. 78-79) aponta que a origem desse tipo de pesquisa remete à civilização egípcia, em que censos eram utilizados por governantes para colher dados de seus súditos. O filósofo e sociólogo Karl Marx foi pioneiro ao fazer uso político desse tipo de questionário. Porém, foram os pesquisadores americanos que desenvolveram o método com incremento de três setores: amostragem e coleta de dados, marketing de produtos e de pesquisas políticas e de problemas sociais. Esse último campo propiciou o desenvolvimento dos *surveys* como conhecemos atualmente, através dos professores pioneiros, Samuel Stouffer e Paul F. Lazarsfeld.

Como visto, as pesquisas de percepção têm sido muito utilizadas ao longo dos últimos anos, auxiliando, assim, importantes tomadas de decisão. No entanto, pouco se buscou saber até o momento sobre a compreensão, a visão e os valores dos jornalistas, tidos como formadores de opinião na sociedade e importantes agentes da comunicação pública da ciência. Um estudo encomendado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) ao Datafolha, publicado em 2015, com base em entrevistas em profundidade com 30 formadores de opinião (jornalistas e professores do Ensino

Médio), foi o que mais se aproximou dos objetivos propostos nesta pesquisa, mas com exploração ainda limitada.

Em linhas gerais, os resultados desse estudo da Fapesp apontaram que os jornalistas do estado de São Paulo possuem hábitos de consumo de informação sobre C&T e fazem isso através de diversos meios, como jornais, revistas, televisão e internet. Os profissionais consideram a importância dos investimentos para as pesquisas científicas no país, tanto por parte do poder público quanto das empresas privadas, mas o grau de satisfação com o setor aparece como regular. Segundo a amostra utilizada no levantamento, o Brasil forma grandes cientistas, mas a falta de investimento e a tradição científica são pontos frágeis do setor (FAPESP, 2015).

Por si só, os desafios para comunicar Ciência e Tecnologia no país, diante desses hábitos verificados na população em geral, já seriam enormes. No entanto, somam-se a eles outras dificuldades presentes nas redações de jornalismo pelo país, as quais acabam por dificultar ainda mais que os conteúdos científicos possam chegar ao público geral por meio da imprensa brasileira, um dos modos de divulgar ciência, entre vários outros. A falta de espaço para esses conteúdos, atrelada à escassez de profissionais especializados e às transformações vivenciadas pelo jornalismo mundial, são fatores contribuintes para a frágil cobertura científica no país.

O Jornalismo Científico teve seu fortalecimento na Europa e nos Estados Unidos após as duas grandes guerras mundiais, com profissionais interessados em noticiar as tecnologias bélicas (OLIVEIRA, 2006). No Brasil, segundo Bueno (2009, p. 3), apesar de iniciativa, ainda no final do século XVIII, com Hipólito da Costa, fundador do *Correio Braziliense*, a área ganhou maior prestígio e audiência a partir da década de 1980 com revistas especializadas, como a *Ciência Hoje*, *Superinteressante*, *Galileu*, *Revista Pesquisa FAPESP* e *ComCiência*. Os cadernos especiais do tema em jornais também são posteriores ao período e às iniciativas de abordagem na televisão brasileira e na internet são ainda mais recentes.

Da década de 1980 até os dias atuais, as mudanças na comunicação foram muitas. Nesse contexto, a cobertura de C&T no Brasil, principalmente na mídia impressa, tem se mostrado cada vez mais fragilizada diante das transformações originárias da crise no jornalismo mundial, incitada pelo surgimento das novas plataformas digitais, com profissionais em acúmulo de função, maior utilização de conteúdos de agência e outras mudanças (BOTELHO; PAIVA; GOMES, 2015). Assim, no cenário exposto, grandes

jornais e revistas tiveram quedas expressivas de circulação, alguns veículos, inclusive, deixaram de existir ou passaram a ser publicados apenas no meio digital. Por consequência desse contexto, as demissões em massa de jornalistas passaram a ser vistas de maneira substancial (FONSECA et al, 2013).

Silveira e Sandrini (2014, p. 114-115) acrescentam que, na visão das empresas de comunicação, a editoria não tem espaço importante no noticiário em virtude da dificuldade de rentabilizar a seção. Para tanto, faz-se necessário estudar melhor a percepção, os hábitos, as visões e os valores dos jornalistas sobre C&T.

OBJETIVOS

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, de caráter exploratório, realizada como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em Jornalismo Científico no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com o objetivo de identificar a percepção de jornalistas brasileiros, enquanto formadores de opinião, sobre Ciência e Tecnologia, em amostra de jornalistas brasileiros. Ademais, a pesquisa também se propõe a captar visões e valores que esses profissionais atribuem para a área científica no país e apontar seus perfis com informações complementares a serem utilizadas para análise final dos resultados.

Especificamente, o projeto se propõe a verificar aspectos de informação desses profissionais sobre os temas e comparar se os resultados se assemelham com os investigados na população geral, previamente levantados pela última pesquisa de percepção pública de C&T no Brasil, de 2015. Também serão aferidas na análise da pesquisa as informações presentes no relatório "Formadores de opinião – FAPESP", publicado no mesmo ano da pesquisa pública nacional, a fim de atualizar relevantes dados para o desenvolvimento científico do país, além de verificar as nuances de interesse e visão dos profissionais já especializados.

JUSTIFICATIVA

Poucos são os trabalhos na literatura ligados à percepção da Ciência e Tecnologia que se dedicaram a estudar os formadores de opinião e seus reflexos para a comunicação e popularização científica. Dessa forma, a pesquisa realizada neste estudo apresenta caráter

de originalidade. Além disso, ela atualiza e amplia os resultados apontados no último levantamento de percepção com formadores de opinião feito pela Fapesp. Os resultados presentes neste artigo e as comparações com pesquisas contemporâneas da área podem, ainda, ser instrumentos de tomada de decisão tanto para o meio científico quanto para as redações de jornalismo no país.

Os trabalhos de compreensão sobre a área científica se caracterizam por serem relevantes instrumentos para formulação e readequação de políticas públicas (POLINO, 2015), pois auxiliam nas ações de popularização e educação, além de serem dispositivos essenciais para captação dos interesses e das visões da sociedade em relação ao tema. A partir desse princípio, tais estudos auxiliam de maneira profícua, incidindo, diretamente, nas estratégias de popularização e de engajamento do brasileiro na ciência, sobretudo em um cenário complexo para o setor. Afinal, de acordo com Botelho, Paiva e Gomes (2015), os jornais têm ação fundamental na popularização do conhecimento científico.

Tendo em vista que as visões e percepções dos formadores de opinião, no caso dos jornalistas, impactam a sociedade e podem influenciar seus conteúdos ou limitar produções, apesar do caráter exploratório, espera-se que a pesquisa contribua para as redações perceberem a importância da qualificação de seus profissionais, além da promoção de indicadores para melhorar as ações das assessorias de comunicação das entidades científicas. Ademais, também há potencial de o trabalho auxiliar na ampliação ou no aperfeiçoamento dos cursos de Jornalismo Científico e Divulgação Científica no país, uma vez que fornecerá dados inéditos acerca dos interesses, das visões e da formação de jornalistas, bem como das motivações ou não para realizarem reportagens sobre o tema e se especializarem.

METODOLOGIA

Diante dos objetivos propostos, e após consulta bibliográfica das possibilidades metodológicas, definiu-se no trabalho a utilização do método de pesquisa *survey*, com finalidades de descrição e exploração da amostra estudada em desenho interseccional através de análise essencialmente quantitativa. Os *surveys* são caracterizados como um tipo de pesquisa social empírica das Ciências Sociais e costumam ser utilizados para realização de pesquisas de opinião, censos demográficos, pesquisas de mercado e estudos acadêmicos, conforme a intenção deste trabalho. Porém, pesquisas desse tipo tendem a

apresentar diferenças com base em seus objetivos, custos, tempo e escopo (BABBIE, 2005).

A proposta geral da pesquisa é verificar a percepção, a visão e os valores que os jornalistas brasileiros atribuem à C&T. Com isso, levando em consideração as classificações de Babbie (2005, p. 96-97), as finalidades da pesquisa de *survey* foram caracterizadas como de exploração, nesse caso, com a investigação de determinado universo na linha de percepção pública da Ciência e Tecnologia, tendo em vista que pouco foi estudado anteriormente sobre o escopo proposto pelo trabalho. Concomitantemente, a pesquisa apresenta caráter de descrição, que pode ser apontado pela intenção de explorar atributos descritivos da amostra estudada e suas subamostras, além de compará-las.

O elemento explorado são os jornalistas (114.329 com registro junto ao Ministério do Trabalho até 31 de julho de 2018), em universo de profissionais presentes em um grupo da rede social *Facebook*, chamado "Jornalistas", que registrava 14.017 membros na data de início da pesquisa. Em 26 de setembro de 2018, dez indivíduos foram convidados a participar de um pré-teste, a fim de investigar as possíveis lacunas a serem sanadas na versão final do questionário (GIL, 2008). Três "juízes" da área de percepção pública também analisaram a enquete. Em 2 de outubro de 2018, uma nova postagem foi feita no grupo para convidar novos profissionais a participarem da pesquisa, com *link* para o formulário na plataforma Google Forms, disponível até 24 de outubro de 2018 (totalizando 23 dias), uma duração que limitou maior participação.

O questionário³ utilizado na pesquisa foi autoaplicável, em decorrência do custo-benefício, e enviado pela internet. Em síntese, o formulário aplicado dispunha, no total, de 26 perguntas (22 estimuladas e 4 espontâneas) cujo objetivo era buscar saber sobre a percepção, a visão, os valores e os hábitos de informação. Em grande parte, as questões foram baseadas na pesquisa de percepção encomendada pelo MCTIC pela possibilidade de comparação dos resultados, mas algumas foram adaptadas para a realidade dos jornalistas. Nas questões de interesse e hábitos de informação de C&T, foi utilizada a escala *Likert*, criada pelo norte-americano Rensis Likert, e apontada por Babbie (2005, p. 232) como uma maneira sistemática para se construir um índice, sendo bastante usada nas enquetes de *survey*.

³ Caso haja interesse, o questionário completo pode ser solicitado pelo e-mail: j209711@dac.unicamp.br.

Após o fechamento da pesquisa, verificou-se, através dos questionários recebidos, que a amostra total havia sido de apenas 61 jornalistas brasileiros (0,43% do universo jornalístico), dentro de uma população de formadores de opinião que alegaram ter alguma formação e/ou atuado profissionalmente na área. Por conta do baixo retorno e número amostral final, tal como caracterizado por Babbie (2005), a possibilidade de seguimento da pesquisa *survey* com base na amostragem probabilística poderia ser dispendiosa e não caracterizaria a representatividade do universo, definindo-se, assim, semelhanças com a amostragem não-probabilística, através do método de confiança em sujeitos disponíveis.

Ainda assim, levando em conta que o estudo tem caráter exploratório e descritivo de categorias, os dados captados, através dos questionários foram suficientes para as análises feitas com base nos objetivos propostos inicialmente neste trabalho que, por sua vez, poderá ser ampliado com outras metodologias em projetos futuros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise dos questionários e validação das respostas, observou-se na pesquisa⁴ que 98,4% dos respondentes afirmaram que atuam ou já atuaram profissionalmente no jornalismo. O restante (1,6%), apesar de ter formação, informou que ainda não exerceu a atividade. Esses profissionais, em sua maioria, tiveram perfil apontado na pesquisa como, majoritariamente, composto por assessores de imprensa (39,3%), seguido de repórteres (27,9%), com as principais áreas de atuação no jornalismo, sendo assessoria de comunicação (55,7%) e online (50,8%). Nessas questões, foi aberta a possibilidade de escolha de mais de uma opção e a maioria dos respondentes afirmou atuar ou já ter atuado em mais de um cargo e área.

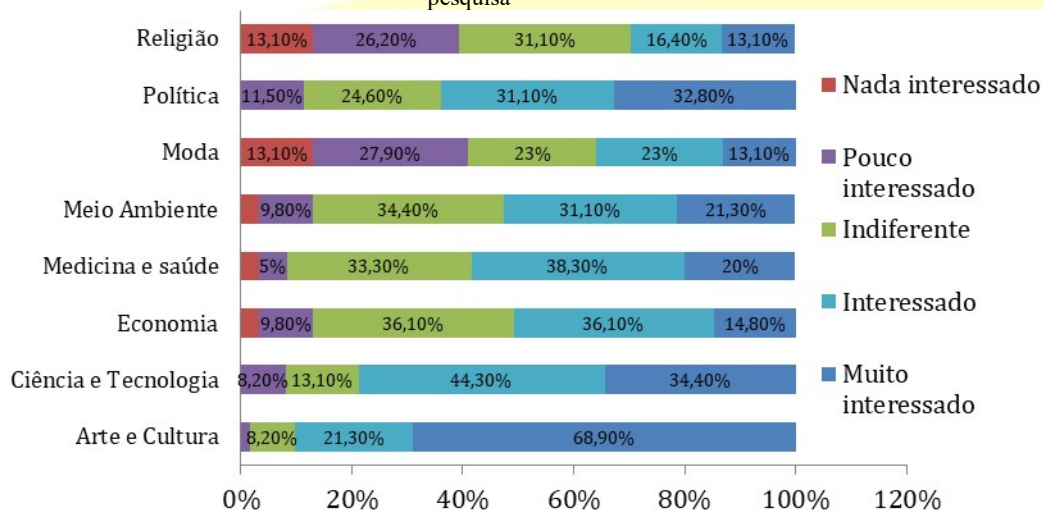
Os jornalistas declararam interesse elevado por Ciência e Tecnologia e disseram que se informam periodicamente sobre os temas, além de também apontarem percepções e visões bastante positivas. As áreas científicas aparecem dentre as que mais chamam a atenção dos respondentes, inclusive com resultados acima dos apontadas pela última pesquisa de percepção pública realizada com a população brasileira. Nesse cenário, alguns aspectos chamam a atenção e serão abordados a seguir. 78,7% dos respondentes disseram

⁴ A pesquisa foi disponibilizada entre os dias 2 de outubro e 24 de outubro de 2018, período que compreendeu parte da eleição presidencial, para governadores, senadores, deputados federais e estaduais no Brasil. O primeiro turno ocorreu em 7 de outubro e o segundo em 28 de outubro, mobilizando a opinião pública.

ser interessados ou muito interessados em C&T, percentual abaixo apenas de Arte e Cultura, que registrou 90,2%. Menos de 10% informaram ter baixo interesse sobre C&T (Gráfico 1).

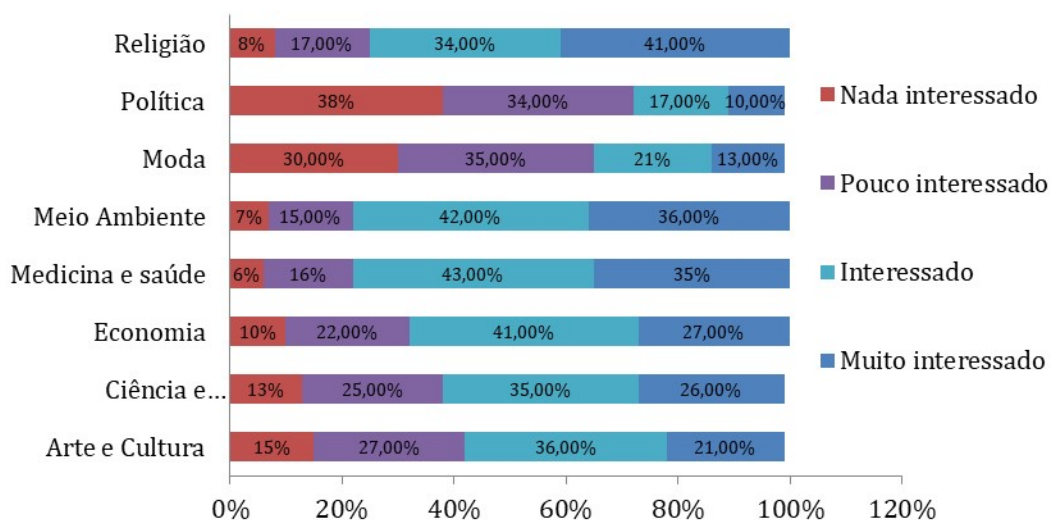
O interesse por temas relacionados à ciência também foi alto. Medicina e saúde aparecem na pesquisa com 58,3% de respondentes que declararam algum grau de interesse e Meio Ambiente soma 52,4%. Os campos com menores graus de interesse foram Moda e Religião. Os dados de interesse dos jornalistas se assemelham aos analisados na pesquisa de percepção do CGEE, encomendada pelo MCTIC, em que 61% dos brasileiros disseram ter interesse ou muito interesse (Gráfico 2). Nesta pesquisa, comparativamente, foi registrado ligeiro aumento de interesse dos jornalistas, além de áreas como Meio Ambiente e Medicina e saúde apresentarem ligeira queda. A área da Política, que despertou pouco interesse em 2015, aparece com altos índices nos formadores de opinião.

Gráfico 1 - Percentual de jornalistas segundo o interesse declarado em C&T e outros assuntos na pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 2 - Percentual de brasileiros segundo o interesse declarado em C&T e outros assuntos



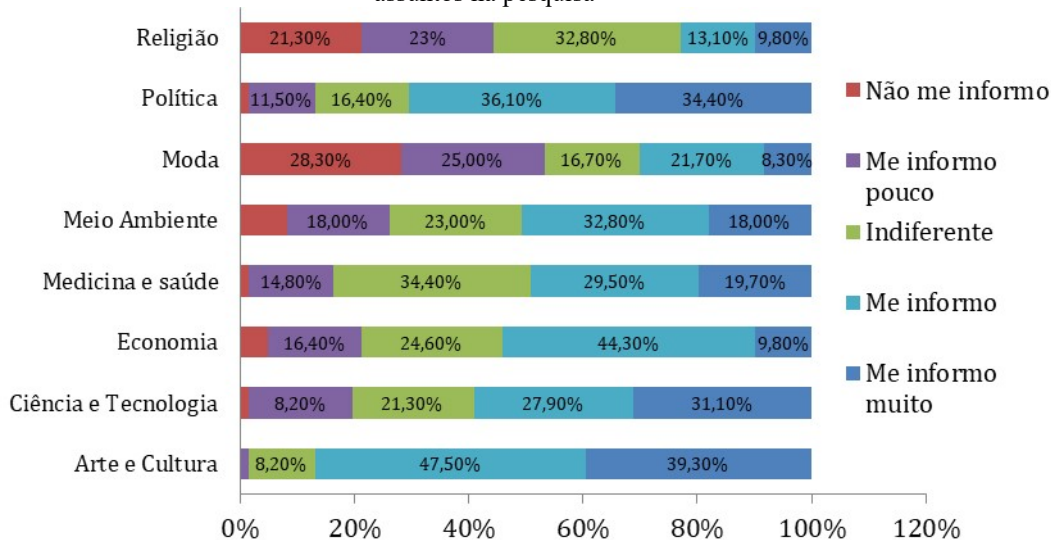
Fonte: Pesquisa sobre percepção pública da C&T no Brasil (CGEE, 2015b)

Nas questões acima, de interesse, e nas de informação, apresentadas a seguir, utilizou-se no estudo a escala *Likert* para mensurar o grau de relevância dispendido pelos respondentes em cada campo, além de um comparativo com outras áreas, as mesmas utilizadas na pesquisa de percepção de 2015, são elas: Arte e Cultura, Ciência e Tecnologia, Economia, Medicina e saúde, Meio Ambiente, Moda, Política e Religião. Primeiro, os jornalistas foram questionados se eram pouco ou muito interessados em C&T e, posteriormente, orientados a marcar 1 para nada interessado, 2 para pouco interessado, 3 para indiferente, 4 para interessado e 5 para muito interessado. A mesma escala foi utilizada na pergunta seguinte em que foi questionado o quanto eles se informavam sobre as áreas (1 para não me informo, 2 para me informo pouco, 3 para indiferente, 4 para me informo e 5 para me informo muito).

Sobre o consumo de informação, Arte e Cultura aparecem como as áreas que mais despertam o interesse dos jornalistas, com uma soma de 86,8% dos respondentes informando os dois graus máximos da escala (me informo e me informo muito). Por outro lado, apesar do alto interesse declarado em Ciência e Tecnologia, nesta questão, os temas não aparecem como o segundo que os profissionais mais se informam, mas sim, o terceiro com 59%, cedendo lugar para Política, com 70,5% na soma das respostas mais positivas (Gráfico 3). Assim como na questão do interesse, acredita-se que o conturbado cenário

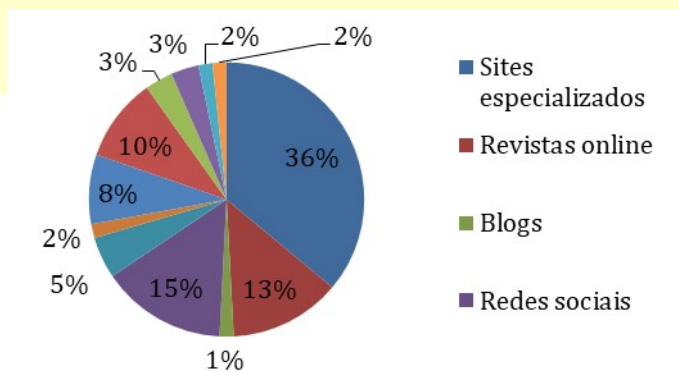
político no país possa ter influenciado nas respostas. Em contrapartida, a área que os profissionais menos se informam é Moda.

Gráfico 3 - Percentual de jornalistas segundo a assiduidade de informação em C&T e outros assuntos na pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 4 – Percentual do meio de comunicação que jornalistas mais se informam sobre C&T



Fonte: Elaborado pelo autor.

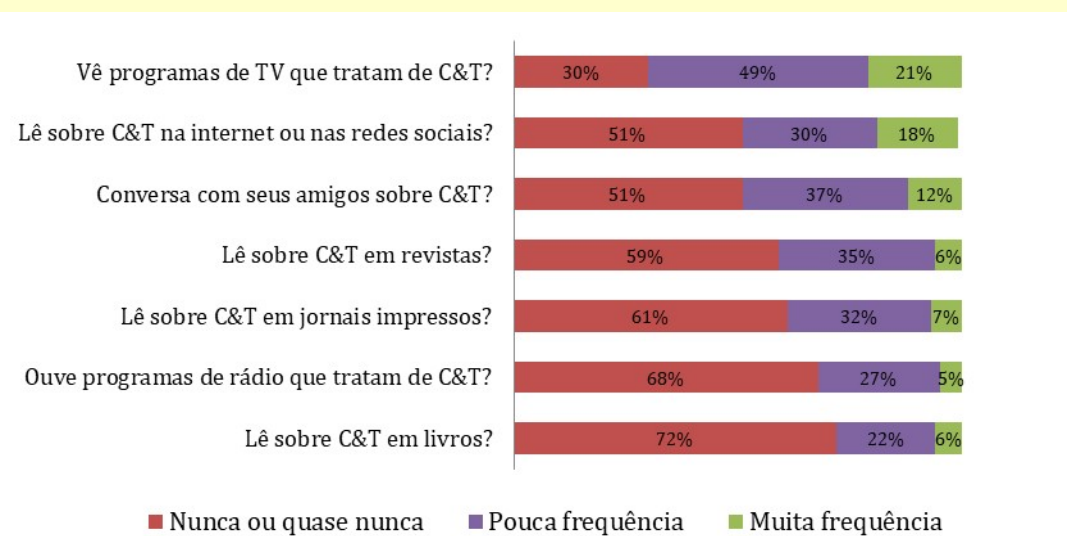
Os sites especializados foram apontados como os meios mais utilizados (36,06%) pelos jornalistas para obtenção de informações sobre C&T, seguidos das redes sociais (14,75%) e Revistas online (13,11%) (Gráfico 4). Esses dados evidenciam que os respondentes tendem a consumir informações já produzidas no meio digital, seja pelo interesse pessoal ou para pesquisas de trabalho. Apenas 8,2% informaram que utilizam os artigos científicos, considerados fonte primária de informação no Jornalismo Científico. A

frequência com que se informam ficou entre diária e semanalmente, ambas com 37,7% e os que nunca ou quase nunca se informam totalizaram 4,9%.

Após comparar os dados de informação dos jornalistas com os resultados relacionados à opinião da população brasileira, é possível inferir diferenças importantes. O CGEE aponta que o acesso à informação pelos brasileiros é pequeno, o que não ocorre no caso dos formadores de opinião. A última pesquisa de percepção, no entanto, não tem perguntas objetivas que buscam saber sobre a procura desses assuntos, mas revela os dados através da frequência declarada por meios de divulgação. A TV é o mais usado, 21% dos brasileiros disseram fazer uso desse meio de comunicação com muita frequência e 49% com pouca frequência (Gráfico 5). A maioria nunca ou quase nunca se informa sobre os temas em outras mídias.

Os dados de hábitos de informação divergem dos apontados na pesquisa de formadores de opinião da FAPESP com jornalistas e professores, em que os profissionais da imprensa apontaram diversidade de consumo nos meios de comunicação, mas que, sobretudo, buscam por conteúdos na internet.

Gráfico 5 - Percentual da frequência declarada de informação sobre C&T, por meios de divulgação



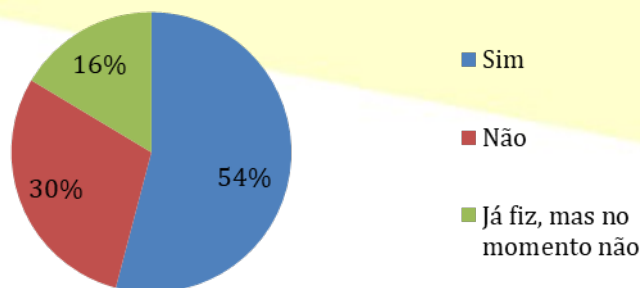
Fonte: Pesquisa sobre percepção pública da C&T no Brasil (CGEE, 2015b)

Diferentemente da população geral, os jornalistas declararam na pesquisa que se informam mais sobre C&T no ambiente virtual, tendência apontada na pesquisa de 2015 da FAPESP com os formadores de opinião. Apesar de a TV dominar, os brasileiros demonstraram nos últimos anos estarem mais propensos a usar a internet e as redes sociais

como fonte de informação, saltando de 23% em 2006 para 48% em 2015. Outro dado, diz respeito à produção de conteúdo. Mais da metade dos profissionais na pesquisa (54,1%) informaram que produzem ou já produziram reportagens sobre os temas na ocupação. Por outro lado, o número de jornalistas que nunca fizeram nenhum conteúdo específico sobre os temas também chama a atenção, 29,5%, enquanto 16,4% já teve contato, mas não realiza mais matérias sobre C&T (Gráfico 6).

Em um recorte feito apenas com os jornalistas especializados, com MBA ou mestres em Jornalismo Científico ou Divulgação Científica (8,20% dos respondentes), foi possível observar que a percepção sobre o interesse em C&T aparece em níveis elevados, bem como o de consumo de informação, com destaque para a periodicidade de busca por conteúdos maior do que a média total da amostra, com “diariamente” verificado na maioria dos respondentes. Os meios digitais também são os mais utilizados na busca por informação. As visões e os valores atribuídos às áreas também aparecem com viés mais otimista. Todos os especializados acreditam que a Ciência e a Tecnologia trazem mais benefícios para a sociedade e 60% apontam posição intermediária em relação às pesquisas científicas.

Gráfico 6 - Percentual dos jornalistas na pesquisa que produzem ou já produziram reportagens sobre C&T



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre as questões, havia ainda uma que perguntava para todos os respondentes sobre a possibilidade de se especializarem em Jornalismo Científico e 59% disseram que gostariam de realizar algum curso na área, enquanto que 31,1% informaram não ter interesse e 9,8% disseram que já realizaram.

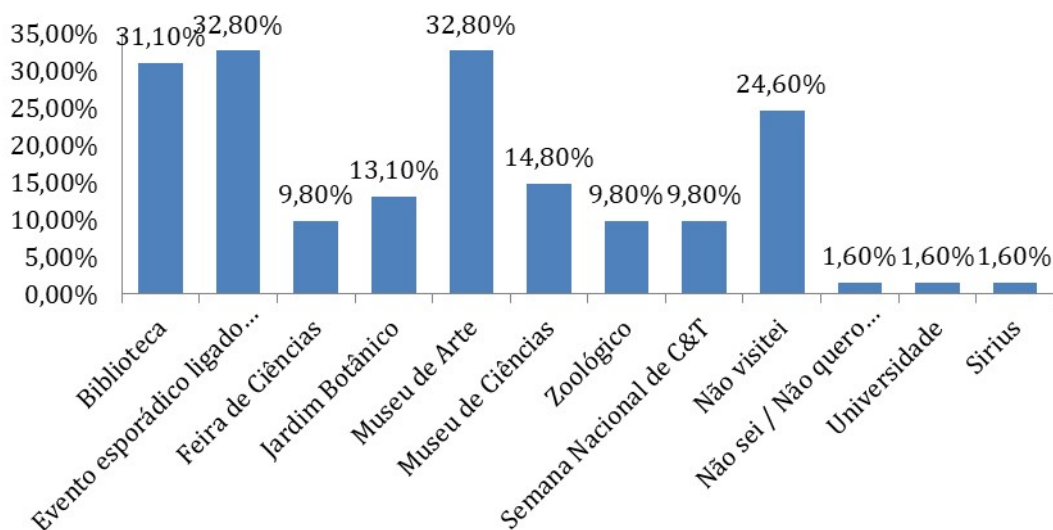
Durante o processo, os jornalistas também foram questionados, assim como na pesquisa geral, sobre a visita aos espaços científico-culturais nos últimos 12 meses,

com a possibilidade de escolher até três opções. Neste tópico, 73,78% disseram ter visitado algum tipo de local, com empate entre evento esporádico e Museu de Arte, ambos com 32,8%, e 26,23% afirmaram não ter visitado, resultado que impressiona, uma vez que os indivíduos são formadores de opinião, mas se assemelham à média brasileira (Gráfico 7). A maior motivação apontada para presença nesses locais foi a profissional, com 33,3%. Por outro lado, aqueles que não visitaram locais ligados à C&T, atribuíram a falta de tempo como o principal empecilho, com 43,75%, seguido da opção: "Não sabe onde existem esses centros ou museus", que registrou 25%.

Em relação às atitudes e visões sobre C&T, foram observados dados bastante positivos, mas também houve uma parcela representativa da amostra estudada com postura intermediária. Enquanto 41% dos profissionais disseram na pesquisa que Ciência e Tecnologia trazem apenas benefícios para a sociedade, 50,8% apontaram que as áreas trazem mais benefícios do que malefícios e 8,2% afirmaram que essa área produz tanto benefícios quanto malefícios (Gráfico 8). Apesar de otimistas, as porcentagens ficaram mais baixas do que as apresentadas na pesquisa nacional de 2015, quando 54% dos brasileiros sinalizaram que as áreas trazem apenas benefícios. A posição do Brasil em relação às pesquisas científicas foi apontada como intermediária (55,7%), seguida por atrasada (37,7%).

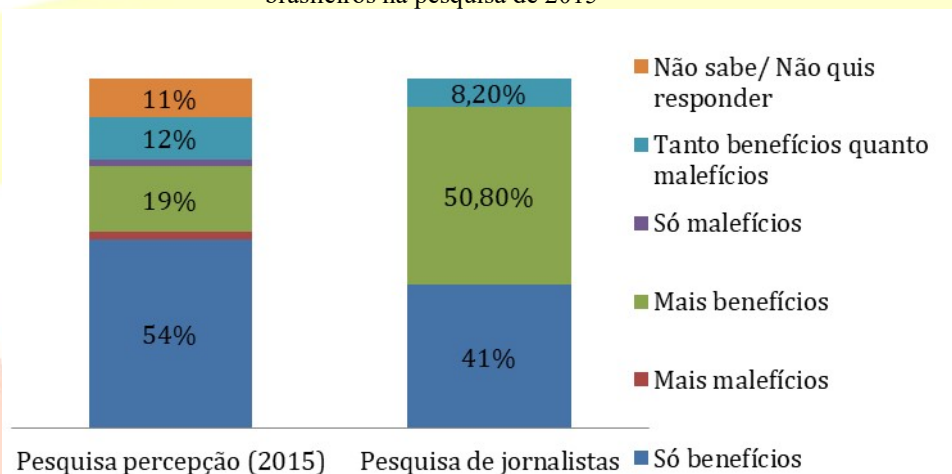
Na pesquisa da FAPESP, a satisfação dos formadores com a pesquisa científica também aparece como regular para a maioria dos entrevistados, com pontos positivos ressaltados, mas outros destacados para melhorar, como os investimentos na área de C&T, dados que serão abordados a seguir.

Gráfico 7- Percentual de jornalistas de acordo com a declaração de visitação a espaços científico-culturais nos últimos 12 meses



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 8 - Comparação entre percepção sobre benefícios e malefícios de C&T de jornalistas e brasileiros na pesquisa de 2015



Fonte: Pesquisa sobre percepção pública da C&T no Brasil (CGEE, 2015b)

Acredita-se que os recentes cortes nos recursos para a Ciência e Tecnologia, além da fusão dos Ministérios da Comunicação com Ciência, Tecnologia e Inovação, com a criação do MCTIC, podem ter impactado os resultados de visão na pesquisa. Afinal, quando questionados sobre os motivos de não haver maior desenvolvimento da C&T no país, a principal afirmação apontada foi a que evidencia a insuficiência dos recursos, cujo registro foi de 72,1%, significativamente à frente da opção que aponta que a sociedade não

se importa com o desenvolvimento científico (29,5%) (Gráfico 9). Os respondentes da referida pergunta puderam escolher até duas opções. Os resultados na última análise de percepção foram bem menos expressivos, com 53% dos entrevistados indicando a insuficiência de recursos como a principal razão limitativa de avanços.

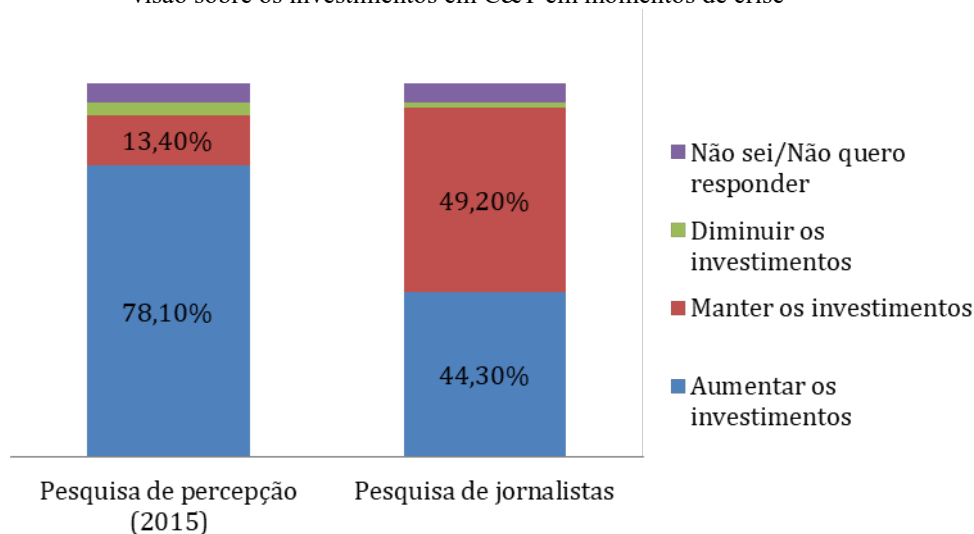
Gráfico 9 - Percentual dos principais motivos apontados pelos jornalistas de por que não há um desenvolvimento maior da C&T no país



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando os jornalistas foram questionados sobre o que o governo deveria fazer em relação aos investimentos em investigação científica e tecnológica em momentos de crise, 49,2% dos jornalistas reiteraram a importância de manter os investimentos e 44,3% apontaram para a necessidade de aumentar os investimentos. Esses números também são menores que os da pesquisa de 2015 (Gráfico 10). As áreas referentes à sustentabilidade aparecem como sendo as mais importantes para o país se desenvolver nos próximos anos. 59% dos entrevistados acreditam que as Energias renováveis sejam a principal, seguida por Cidades sustentáveis (41%), Agricultura (24,6%) e Medicamentos e tecnologias médicas (19,7%). Devido à abrangência dos temas, os respondentes tiveram a opção de escolher até duas opções na pergunta.

Gráfico 10 - Comparação entre percentual dos entrevistados nas duas pesquisas de acordo com a visão sobre os investimentos em C&T em momentos de crise



Fonte: Pesquisa sobre percepção pública da C&T no Brasil (CGEE, 2015b)

Em análise do CGEE (2015a), ao contrário dos hábitos de informação que tendem a oscilar conforme os atributos de escolaridade e renda da população, quando o estudo passa a ser feito sobre as atitudes acerca C&T um cenário diferente pode ser visto na pesquisa:

As atitudes sobre C&T não podem ser entendidas de maneira linear a partir apenas de variáveis sociodemográficas: as pessoas mais informadas não necessariamente possuem visões mais positivas e as pessoas com visões mais cautelosas ou críticas não necessariamente possuem menor grau de escolaridade. As trajetórias de vida e o contexto de moradia, capital social, valores, participação em atividades de sociabilidade e políticas, têm um peso importante na forma como as pessoas se apropriam da informação científica e formam suas atitudes sobre os cientistas e sobre a ciência e tecnologia (CGEE, 2015a).

Em pergunta espontânea, a maioria dos jornalistas apontou nomes de instituições de pesquisa no país, privadas e públicas, em sua maioria. A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) foi a organização mais lembrada pelos respondentes, sendo citada 15 vezes, seguida da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com 14 menções. Como a predominância de jornalistas no levantamento informaram que são de Campinas (SP), diversas instituições científicas da cidade foram lembradas, dentre elas: o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Instituto de Tecnologia dos Alimentos (ITAL), Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM) e outros. Todas foram consideradas na nuvem de palavras abaixo (Figura 1).

Figura 1 - Instituições de pesquisa mais lembradas pelos jornalistas no estudo



Fonte: Elaborado pelo autor.

O perfil dos jornalistas que responderam à pesquisa foi apontado como majoritariamente do sexo feminino (72,1%), com idades predominantes entre 20 e 30 anos. Mais da metade do grupo informou na enquete ser de cidades do estado de São Paulo, sendo Campinas (SP) a que mais aparece – reconhecida pelo seu ecossistema científico. No entanto, também foram registrados questionários de profissionais atuantes em municípios do Centro-Oeste, Norte e Sul do Brasil. Ademais, mais de 80% dos profissionais se autodeclararam de cor/etnia branca e 52,5% têm o catolicismo como religião, seguidos pelos que não têm religião (19,7%).

Do total de respondentes, 44,3% pertencem à classe C, com renda entre R\$ 1.908,00 e R\$ 4.470,00, seguidos dos 19,7% da classe B (entre R\$ 4.470,00 a R\$ 9.540,00) e dos 16,4% da classe D (entre R\$ 954,00 a R\$ 1.908,00). A porcentagem de jornalistas pertencentes à classe D merece atenção, em razão dos valores apontados. De acordo com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o menor salário-piso da categoria – para profissionais de Rádio e TV em municípios com menos de 80.000 habitantes no estado de São Paulo e carga de 5 horas – é de R\$ 1.586,89. Ou seja, alguns podem ter proventos menores do que o piso.

Quando questionados sobre o tipo de curso mais elevado concluído, 59% dos jornalistas disseram ter apenas Graduação, enquanto que 14,8% informaram possuir

também Especialização, 14,8% realizaram Mestrado e 11,5% também fizeram Doutorado. Na Graduação, 68,85% do grupo tem formação em Jornalismo, 22,95% cursou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, 3,28% Comunicação Social, sem informar qual o tipo de habilitação, e 1,64% é graduado em Engenharia de Alimentos, apesar de atuar profissionalmente no jornalismo. 3,28% dos entrevistados informaram ter dupla formação, além do Jornalismo, como nas áreas de Direito e Ciências Sociais, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pouco se conhecia, até então, sobre a percepção, a visão e os valores atribuídos pelos jornalistas à Ciência e Tecnologia no país. Tidos como formadores de opinião na sociedade, esses profissionais se mostram bastante interessados em temas e áreas correlacionadas, inclusive com percentuais acima dos apontados em pesquisa de percepção anterior com a população brasileira. No entanto, levando em consideração esse interesse, esperava-se que os profissionais consumissem mais informações ligadas ao universo científico. Os dados do CGEE, em 2015, já apontavam a grande desinformação dos brasileiros sobre C&T.

Ao explorar ainda mais os hábitos de consumo de informação, foram detectados indicadores importantes que ajudam a traçar um perfil de profissional muito mais ligado ao âmbito digital, com os sites especializados e as redes sociais como os principais meios para obtenção de conteúdos. Não é possível precisar se esse consumo está ligado, necessariamente, à profissão ou ao interesse pessoal, mas evidencia que os formadores consomem, com alguma periodicidade, informações já produzidas e poucos buscam por conteúdos em fontes primárias, como os artigos científicos. Além disso, também se destacam preocupações com conteúdos pouco confiáveis que despontam nesse meio.

A percepção sobre C&T no recorte de jornalistas especializados em áreas de Divulgação Científica foi mais positiva do que a média geral. As visões e os valores atribuídos também são mais otimistas, com afirmações de benefícios das áreas para a sociedade atreladas a uma postura crítica em relação à posição do país nas pesquisas científicas. Paralelamente, os jornalistas não especializados sinalizaram alto interesse em realizar cursos na área, porém, o presente trabalho não pôde verificar os motivos de ainda não terem se especializado.

Ainda referente aos dados sobre interesse, mas com viés acerca da atitude dos profissionais em relação à C&T, foi verificado na pesquisa que pouco mais da metade dos formadores visitaram espaços científico-culturais, média semelhante ao apontado na pesquisa com os brasileiros, mas um resultado decepcionante em se tratando de formadores de opinião, pois são locais importantes para uma formação cultural mais sólida. A maior motivação apontada foi a profissional. Àqueles jornalistas que não visitaram os locais indicaram a falta de tempo como principal empecilho, seguido pelo desconhecimento da localização dos espaços científico-culturais, apesar de terem revelado em pergunta espontânea nomes de instituições de pesquisa científica no país, muitas não abertas para visita.

Quando questionados sobre as visões e os valores atribuídos à C&T no Brasil, os jornalistas apresentaram uma posição positiva, mas bastante crítica em determinados pontos, como mencionado no decorrer do trabalho. A maioria respondeu que a Ciência e Tecnologia trazem mais benefícios do que malefícios para a sociedade, seguido por uma parcela de indivíduos que apontaram somente benefícios. Os dados ficaram mais baixos do que os expostos na última pesquisa de percepção no país. A posição em relação às pesquisas prevaleceu como intermediária entre os formadores de opinião, assim como verificado no levantamento da FAPESP. A questão orçamentária aparece como o principal impedimento para avanços das áreas científicas. A maioria dos respondentes, inclusive, acredita que mesmo em situações de crise, o governo deveria manter os investimentos.

Diante dos indicativos, é possível aferir que os jornalistas participantes da pesquisa apresentam percepções, interesses e visões muito semelhantes às apontadas nas últimas pesquisas brasileiras de percepção, mas com características específicas relacionadas à profissão, como os hábitos informativos e baixo interesse pelas informações primárias. O trabalho não teve o objetivo de buscar como a percepção e a visão desses profissionais se refletem em atitudes divulgadoras, mas julga-se importante explorar análises nesse sentido, visto que, em um primeiro momento, verificou-se que muitos profissionais nunca produziram conteúdo para a área de C&T. Outras nuances relevantes também devem ser acompanhadas a fundo em outros estudos, como, por exemplo, os baixos índices de especialização e de visita a espaços científico-culturais, que são passos importantes de contribuição e fortalecimento da cultura científica entre os formadores de opinião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. 3^a.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BOTELHO, J.; PAIVA, D.; GOMES, R. Lacunas da cobertura de ciência no Brasil: transformando a crise em indicadores. **Congresso RedPop 2015**, 2015, Medellín. RedPop Arte, Tecnología y Ciencia: nuevas maneras de conocer, 2015. p. 1318-1325. Disponível em: <<http://www.parqueexplora.org/redpop2015/memorias-del-congreso/>>. Acesso em: 17 Ago. 2018.

BUENO, W.C. Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória. **Difusão e cultura científica: alguns recortes** [online], Salvador, p. 113-125, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf>>. Acesso em: 5 Ago. 2018.

CGEE. **A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros - Percepção pública da C&T no Brasil - 2015**, Brasília, 2015a. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/percepcao_web.pdf/47ab69a2-bee7-4be1-aeab-c5ae4e9bedde?version=1.4>. Acesso em: 17 Ago. 2018.

_____. **Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros**, Brasília, 2015b. Disponível em: <<http://percepcaocti.cgee.org.br/wp-content/themes/cgee/files/sumario.pdf>>. Acesso em: 20 Out. 2018.

FAPESP. **Formadores de opinião**, 2015. Disponível em: <<http://www.fapesp.br/datafolha/formadores.pdf>>. Acesso em: 17 Ago. 2018.

_____. **Indicadores FAPESP de CT&I em São Paulo, 2010**. Destaques do Capítulo 12 – Percepção Pública da C&T em São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.fapesp.br/indicadores/2010/destaques_cap12.pdf>. Acesso em: 17 Ago. 2018.

FONSECA, B. et al. A revoada dos passaralhos. **Agência Pública**, 10 Jul. 2013. Disponível em: <<http://apublica.org/2013/06/revoada-dos-passaralhos/>>. Acesso em: 17 Ago. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORALES, A. P. et al. Percepção Pública da C&T em Saúde. **IX Jornadas Latinoamericanas de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnologia**, 2012. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Simone_Pallone/publication/258275632_Percepcao_Publica_da_CT_em_Saude/links/02e7e527a8bc1275a6000000/Percepcao-Publica-da-C-T-em-Saude.pdf>. Acesso em: 17 Ago. 2018.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo científico**. Editora Contexto, 2006.

POLINO, C. (Org). **Manual de Antigua: indicadores de percepción pública de la ciencia y la tecnología**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2015. Disponível em: <<http://www.riicyt.org/files/MAntigua.pdf>>. Acesso em: 05 Ago. 2018.

SILVEIRA, M. C.; SANDRINI, R. Divulgação científica por meio de blogs: desafios e possibilidades para jornalistas e cientistas. **Intexto**, Porto Alegre, n. 31, p. 112-127, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/41728>>. Acesso em: 17 Ago. 2018.

SIMÕES, S; PEREIRA, M. A. M. “A Arte e a Ciência de Fazer Perguntas”. In: Aguiar, N. **Desigualdades Sociais, Redes de Sociabilidade e Participação Política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009, p. 241-261.

VOGT, C; MORALES, A. P. **O discurso dos indicadores de C&T e de sua percepção**. Madrid: Catarata, 2016.

VOGT, C.; POLINO C. (Orgs.). **Percepção Pública da Ciência** - Resultados da Pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai. Campinas: Unicamp/Fapesp, 2003.